

SIMONE RIBEIRO NOLASCO

***Patrimônio Cultural Religioso:*
a herança portuguesa nas devoções
da Cuiabá colonial**

Cuiabá: Entrelinhas / EdUFMT, 2010

ISBN 978-85-87226-99-0

A expansão e a consolidação da pós-graduação *stricto sensu* no Brasil, apesar das dificuldades e dos percalços impostos pelos órgãos e secretarias competentes, têm alcançado resultados interessantes. O livro *Patrimônio Cultural Religioso* integra esse contexto e foi originalmente apresentado como dissertação de mestrado do Programa de Pós-Graduação em História, na Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT).

O desenvolvimento das pesquisas desses novos programas e, principalmente, a sua divulgação por meio de publicações são fundamentais para a formação do conhecimento histórico. Mais que isso: os trabalhos realizados em arquivos locais acabam dismantando “falsas impressões”, baseadas quase sempre em estudos generalizantes e que não levam em consideração as especificidades do grande território que constitui o Brasil. Um exemplo salutar de que o trabalho minucioso com as fontes documentais é de extrema importância pode ser encontrado no livro de Simone Ribeiro Nolasco.

O livro dismantela, como já afirmamos, a “falsa impressão” de que na região de Cuiabá inexistiu um acervo significativo de imagens sacras. A pesquisa meticulosa realizada em diversas instituições – Arquivo Público de Mato Grosso, Instituto Histórico e Geográfico, além dos arquivos das Irmandades e as imagens sacras localizadas no Museu de Arte Sacra em Cuiabá (MT) – reuniu um conjunto expressivo de informações acerca do patrimônio cultural religioso, mais especificamente, sobre a devoção privada dos colonos entre 1723, quando foi criada a primeira freguesia, e 1808, quando o primeiro titular do bispado, o Dr. Luís de Castro Pereira, chegou a Cuiabá.

A autora busca, por meio de uma rede intrincada de dados – inventários *post-mortem*, testamentos, documentos paroquiais e eclesiásticos, correspondências entre membros da administração portuguesa, além do acervo plástico – investigar “a presença estratégica das devoções católicas no processo de colonização e cristianização brasileira” (p. 15). Também chama a atenção para a necessidade de os estudos sobre o universo religioso vincularem-se de forma mais efetiva às estruturas do contexto português. Nesse sentido, o trabalho de Nolasco insere-se na mais atual historiografia brasileira, que, desde a década de 1990, busca reforçar a aliança entre os estudos brasileiros e portugueses. Os frutos dessa parceria são muitos; basta observar as publicações de livros, artigos e os diversos congressos e simpósios sobre História da América Portuguesa, que reúnem não só pesquisadores brasileiros, mas também portugueses e brasilianistas de vários outros países.

A pesquisa de Nolasco está igualmente em consonância com o que a História da Arte tem realizado nos últimos anos. Os resultados das pesquisas de Myriam Andrade Ribeiro de Oliveira, por exemplo, vêm redirecionando e reavaliando criticamente a arte colonial brasileira. Os equívocos, segundo Oliveira, são muitos, como a ideia de que a produção artística brasileira realizada entre o século XVII e o início do XIX deve ser compreendida num único capítulo da história da arte: o Barroco.¹ O que durante muito tempo foi entendido como *barroco mineiro* ou *barroco nacional* – conceitos e interpretações de cunho nacionalista e regionalista – camuflou, na verdade, uma importante produção: o Rococó religioso.

A historiografia atual demonstra ainda como são precários os estudos, datações e atribuições. Essa situação acabou produzindo um número inflacionado de “obras de qualidade”, atribuídas tanto a Antônio Francisco Lisboa, o Aleijadinho, quanto ao Mestre Ataíde.² Outras incompreensões são destacadas pela autora. Durante a segunda metade do século XX, os estudos sobre o Barroco enfatizaram sobremaneira a participação dos artistas mestiços, exatamente para reforçar o caráter original do estilo, comparado ao europeu. Sem desconsiderar o papel preponderante dos mestiços, estudos recentes buscam resgatar o papel crucial, e praticamente desconhecido, dos portugueses na América Colonial, como Francisco de Lima Cerqueira e outros

¹ OLIVEIRA, Myriam Andrade Ribeiro de. *O Rococó religioso no Brasil e seus antecedentes europeus*. São Paulo: Cosac & Naify, 2003.

² OLIVEIRA, Myriam Andrade Ribeiro de; SANTOS FILHO, Olinto Rodrigues dos; SANTOS, Antônio Fernando Batista dos. *O Aleijadinho e sua oficina: catálogo das esculturas devocionais*. Rio de Janeiro: Capivara Editora Ltda., 2008.

mestres de obras, escultores e pintores.

É exatamente nesse ponto que *Patrimônio Cultural Religioso* tem muito a nos dizer. Além de ressaltar a necessidade de estudos comparativos entre Brasil e Portugal, sua autora vai além, ao investigar as devoções mais propagadas na Colônia, segundo o zelo escatológico dos moradores de Cuiabá. A veneração ao Senhor Crucificado e à Cruz ganha, com grande vantagem, do culto a outros santos, por ser o centro da liturgia católica. No caso de Santo Antônio, entretanto, o segundo mais cotado, uma das explicações possíveis é o fato de ele ter nascido em Lisboa, apesar de haver morado e morrido em Pádua. Quanto a Nossa Senhora da Conceição, a grande incidência de imagens da santa nas casas dos moradores de Cuiabá certamente está ligada ao fato de que “era a padroeira do Reino e suas colônias, o que fez com que sua festa se oficializasse também em todo o Império, tornando-se o culto mais difundido nas fundações primitivas na América portuguesa” (p. 113).

Outro ponto que ressalta no trabalho de Nolasco é a possibilidade de entender aspectos importantes da história de Cuiabá por intermédio de imagens sacras de autoria desconhecida, confeccionadas, muito provavelmente, por santeiros, escultores ou carpinteiros locais. Por meio dos inventários e testamentos, uma série de oficiais mecânicos portugueses é localizada, numa indicação de que poderiam estar ligados à produção das esculturas naquela localidade.

Utilizando-se ainda de fontes cartoriais, a autora faz um delicado trabalho de mapeamento dos artefatos inventariados. A análise desvela os móveis mais comuns nos domicílios, os produtos vindos de Lisboa e aquilo que era produzido na região, além de identificar um intenso comércio de alimentos. A relação dos bens privados mais caros – como o laço de ouro com brinco de diamantes e o estojo de ferros de tirar dentes com boticário, um rosário de Jerusalém com imagem do Santo Cristo em ouro, um conjunto de pratos da Índia e um estojo inglês com duas navalhas – revela não só uma circulação de mercadorias oriundas de diferentes partes do mundo, mas também uma sociedade complexa e multifacetada.

Por meio de uma pesquisa acurada das fontes documentais, Nolasco também identifica as devoções públicas nas igrejas e nos festejos da Vila, momento importante de sociabilidades, mas igualmente de reforço da hierarquia social e do poder absolutista dos reis. Por outro lado, salienta a grande importância do culto privado, alvo principal de sua investigação. Lâminas e imagens

de santos, crucifixos e relicários, horas marianas, opas de filiação a irmandades, livros religiosos, bentinhos, hábitos do santo de devoção com os quais os colonos queriam ser sepultados – tudo isso foi localizado nos inventários, compondo um mosaico do patrimônio cultural religioso da sociedade do sertão.

Para perceber e identificar as principais devoções, a autora fez uso do acervo plástico localizado no Museu de Arte Sacra e das imagens ainda encontradas nas igrejas locais, entre as quais, a Matriz do Senhor Bom Jesus do Cuiabá e a Igreja de Nossa Senhora do Rosário e São Benedito (essa, principal irmandade de negros e mestiços nos séculos XVIII e XIX). Destaca-se, nessa parte do livro, a análise iconográfica e iconológica (cujo referencial teórico-metodológico é o estudo de Erwin Panofsky) das três principais devoções entre os colonos: o Senhor Crucificado e a Cruz, Santo Antônio e Nossa Senhora da Conceição, já mencionados.

Por fim, é preciso salientar que o trabalho de Nolasco demonstra, com muito apuro teórico – fruto de sua formação diversificada, em Letras e História –, um quadro complexo da devoção religiosa em Cuiabá, o que por si já conferiria mérito ao livro. Mas a autora vai além. Expõe com prudência alguns dos grandes problemas que afetam o patrimônio no Brasil: descaso, desconhecimento, roubos, saques e pilhagens da arte religiosa colonial, ao longo da história do Brasil. A raiz do problema é histórica, como aponta a própria pesquisadora. Em 1757, carta denúncia enviada ao Rei Dom José I acusava os padres Joaquim de Barros e João Daniel de

cometer o sacrilégio insulto de tirarem das igrejas que administravam os vasos sagrados e as imagens de santos, passando a cometer a impiedade de roubarem [...] daquelas imagens que deixavam ficar nas igrejas como resplendores de prata e de remeterem os mesmos vasos sagrados e imagens para o seu [...] frasqueiras e outros lugares sórdidos e indecentes (p. 107).

Embora se deva reconhecer o esforço atual do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN) para recuperar e coibir o roubo, muitas peças foram perdidas. Por isso, trabalhos como esse devem ser incentivados e desenvolvidos com mais frequência e afinco nos Programas de Pós-Graduação do país. Muitas vezes, é só por meio deles que é possível *re-conhecer* fragmentos das sociedades do passado, em especial, da arte e da devoção privada na América portuguesa.

CLÁUDIA ELIANE P. MARQUES MARTINEZ

*Professora do Departamento de História,
Universidade Estadual de Londrina (UEL/PR)*